

Concurso Literário

UERR 18 ANOS

———— Poema e Conto ————



Iris Anita Fabián Ramírez e
Isabella Coutinho Costa
(organizadoras)



**Concurso Literário UERR 18 anos:
poema e conto**

Boa Vista
UERR – 2024

Concurso Literário UERR 18 anos: poema e conto. Copyright © 2024 by [Organizadoras] Iris Anita Fabián Ramirez e Isabella Coutinho Costa... [et al]. Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional CC BY.



Esta obra pode ser reproduzida, copiada e compartilhada, desde que mencionada a fonte e a autoria. A violação dos direitos do autor é crime estabelecido pelas leis penais brasileiras (Lei Nº 9.610/98 e Código Penal Brasileiro).

UERR Edições

Universidade Estadual de Roraima
Rua 7 de Setembro, Nº 231.
Bairro Canarinho. CEP. 69306-530.
CNPJ: 08.240.695/0001-90
contato@edicoes.uerr.edu.br

Presidência

Isabella Coutinho Costa

Conselho Editorial

Márcia Teixeira Falcão, Mário Maciel de Lima Júnior, Rafael Parente Ferreira Dias, Rodrigo Leonardo Costa de Oliveira.

Equipe Editorial

Carlos Eduardo Bezerra Rocha, Cláudio Souza da Silva Júnior, Magdiel dos Santos da Silva.

Universidade Estadual de Roraima

Cláudio Travassos Delicato, Reitor. Edson Damas da Silveira, Vice-Reitor. Francisco Robson Bessa Queiroz, Pró-Reitor de Ensino e Graduação. Leila Chagas de Souza Costa, Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação. Isabella Coutinho Costa, Pró-Reitora de Extensão e Cultura. Alvim Bandeira Neto, Pró-Reitor de Planejamento e Administração. Ana Lúcia de Souza Mendes, Pró-Reitora de Orçamento e Finanças. Francisco Robson Bessa Queiroz, Pró-Reitor de Ensino e Graduação.

Diagramação: Abraão Batista (Petram Creative)

Capa: Abraão Batista (Petram Creative)

Foto de capa: Carlos Camacho

Revisão: Iris Anita Fabián Ramirez

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Concurso literário [livro eletrônico] : UERR 18 anos : poema e conto / Iris Anita Fabián Ramirez, Isabella Coutinho Costa (organizadoras). -- Boa Vista, RR : UERR Edições, 2024. PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-89203-69-8

1. Contos brasileiros - Coletâneas 2. Poesia brasileira - Coletâneas I. Ramirez, Iris Anita Fabián. II. Costa, Isabella Coutinho.

24-236678

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Antologia : Literatura brasileira B869.8

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

APRESENTAÇÃO

Coube-me, de forma impulsiva e alegre, aceitar o convite para realizar a apresentação da primeira edição do livro **Concurso Literário UERR 18 anos: poema e conto**, que reúne textos produzidos por docentes e acadêmicos que participaram do Prêmio Uerr de Literatura no ano de 2023, promovido pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Estadual de Roraima, com objetivo de premiar textos **inéditos nas categorias Conto e Poema**.

Inegavelmente, um robustecimento da criação poética vem acontecendo no estado de Roraima nesses últimos anos. É um fato que pode ser notado pelo crescimento de uma produção de qualidade e diferenciada de vários artistas da palavra. Por outro lado, embora esse tipo de escritura tenha ganhado cada vez mais espaço no ambiente acadêmico e educacional, o interesse pelo texto lírico e pela narrativa mais breve e concisa, dotada de lirismo igualmente singular, não tem sido correspondido no mercado editorial, haja vista a carência de publicações voltadas a esses gêneros.

É nesse sentido que Iris Anita Fabián Ramírez e Isabella Coutinho Costa, com leveza e maturidade, além de muito cuidado e criatividade, acertaram ao organizarem essa coletânea, a começar pela escolha da capa, que dá um tom de poeticidade ao destacar o colibri que voa, na sua inquietude serena, sobre o riso e o amor que se estende a cada verso elaborado pelos autores. Estes, assim como o colibri, têm a alma livre.

Concurso Literário UERR 18 anos: poema e conto é, desse modo, um convite à meditação e se enfeixa em dois blocos: um com dezenove poemas que exploram um universo de temas – como a liberdade, o cotidiano, a incerteza da vida, o amor, o humor, os sonhos, a política e a relação do homem com o meio – em diferentes perspectivas; e outro com oito contos escritos de forma independente, traduzindo vivências e experiências que despertam questionamentos relevantes acerca das percepções humanas sobre o amor, a vida e os mistérios que vão além da nossa compreensão.

À medida que mergulhava nessas páginas, fui absorvida pela emoção quando percebi que os textos expressos pelas vozes dos poetas são capazes de revelar, com sensibilidade, os aspectos da realidade em meandros inexplicáveis e complexos, latentes em todo ser humano. Aqui, os fios de vozes dos Eus poéticos se enlaçam com a construção da palavra, a exploração das emoções e a produção de sentidos resultante da organização dos elementos que contribuíram para a musicalidade. E o papel essencial que a leitura desta obra desempenha é a revelação do quanto a memória e a imaginação manifestam conhecimento vivo sobre cultura, ideias, mentalidades e costumes.

Diante dessa experiência, é possível afirmar que, mais atraente do que percorrer o olhar pela sequência de palavras, é mergulhar em versos, como no poema “Andorinha”, de Juliane Domingos Santos, que fala sobre o seu despertar pela poesia e a liberdade que esse tipo de texto proporciona. Igualmente deleitante são os contos, a exemplo de “Não quero virar um esqueleto”, de Eduardo Campos Silva, cuja narrativa provoca sentimentos

que envolvem angústia, sofrimento, incerteza da realidade do cotidiano e confronto com a finitude humana. Todos os textos têm um estilo pessoal, inteligente e divertido. É esse conjunto de estilos que não somente leva o leitor a imaginar as cenas descritas, como o transporta para dentro da obra.

Certa de que este livro merece circular não apenas na esfera acadêmica, mas em todo espaço social, acendendo no leitor diferentes emoções, espero que a presente coletânea também impulse mais estudos sobre textos poéticos e contos, de modo a favorecer novas discussões sobre a condição presente da poética em um tempo tão desprovido de poesia. Por essas razões, convido-os para experimentar cada excerto...

Profundamente,
Repetidamente,
Irrefletidamente,
Prazerosamente,
Sem comedimento.

Profa. Dra. Maria Georgina dos Santos Pinho e Silva (UERR)

SUMÁRIO

POEMAS

- 10** **ANDORINHAS**
Juliane Domingos Santos-
- 11** **BIFE MALPASSADO**
Eduardo Campos Silva
- 13** **A ESTRELA**
Darliane do Socorro Santos da Silva
- 14** **POEMA À UERR OBRIGADA**
Alba Marina González Andrade
- 15** **ÊXITOS E ASPECTOS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA**
Janiele Gama Pontes
- 16** **MEU EU CRIANÇA**
Camila Godoy de Menezes
- 18** **A CONTRADIÇÃO HUMANA**
Elemar Kleber Favreto
- 19** **O MAL DO POETA**
Ana Carolina da Silva Rodrigues
- 20** **O CABOCO DO RIO BRANCO**
Jairzinho Rabelo

- 22** **MUNDO DE HIPÓCRITAS**
Maeli Garcia Soares
- 23** **POEMA**
Mayelle Oliveira de Azevedo
- 24** **O EGO**
Gabriel Lucas Franco
- 25** **O QUE FALAR DE TUA AUSÊNCIA**
Huarley Mateus do Vale Monteiro
- 26** **AS PALAVRAS DE MEU PAI**
Ronnie Jefferson Valentim Silva
- 27** **APATIA**
Stephanne Ohana Timóteo da Silva
- 28** **BROMELI-ANDO**
Tatiane Marie Martins Gomes de Castro
- 29** **BOM HUMOR**
Vitoria Vivian Ferreira Santana
- 30** **O PERFEITO AUTOR**
Yorelis Yeraldin Montilla Briceño
- 31** **EL ÁRBOL DEL AMOR**
María Michely Ruíz Hernandez

CONTOS

33 NÃO QUERO VIRAR UM ESQUELETO

Eduardo Campos Silva

35 A FLECHA DO CUPIDO

Elemar Kleber Favreto

38 UM SUSSURRO DA ETERNIDADE

João Paulo Maciel de Araújo

41 O ESTUDANTE

Ronnie Jefferson Valentim Silva

42 POR UM TRIZ

Stephanne Ohana Timóteo da Silva

46 O ESTRANGEIRO

Darlíane do Socorro Santos da Silva

47 A GUERREIRA/ LUCHADORA

Carmen Adelina Zerpa Montano

48 (SEM TÍTULO)

Adriana Silva Rodrigues

49 SOBRE AS ORGANIZADORAS

50 SOBRE OS AUTORES

POEMAS

ANDORINHAS

Juliane Domingos Santos- 1º Lugar
juhsantos.rr@gmail.com

Não sei ao certo quando me apaixonei por poemas
Mas, lembro-me a primeira vez que li Mário Quintana:
“Eles passarão... eu passarinho!”
Outros poetas realmente passaram
Mário ficou e comigo ficou o seu poema como um lema a ser seguido
Depois descobri Manoel de Barros:
“fui aparelhado para gostar de passarinhos”.
Talvez essa admiração por pássaros seja o sonho de liberdade que os poetas tanto desejam
Eu não sou poeta
Mas, hoje eu sei:
“Muitos gostam de adorar, eu de andorinhas.”

BIFE MALPASSADO

Eduardo Campos Silva – 2º Lugar
eduardo.silva@uerr.edu.br

No ônibus de volta
O calor revolta
Ônibus lotado
Axilas suadas orbitam minha vida

Uma mulher pede esmolas
Falando de Deus e doenças
Milagres e ofensas
Seus filhos choram

No meu pé uma correnteza
Um líquido fluindo
Escorrendo por todo chão
Uma linha reta e brilhante
Podia ser a chuva vindo
Para refrescar o dia
O que me encheu de Alegria
Até perceber
Que o líquido tinha pedaços
Meus pés que antes interrompiam
O curso do rio
Se recolhem
E me tranco de volta
Em meu interior vazio

O cheiro gruda em meus cadarços
Analiso os pedaços daquilo que já foi almoço
Correndo pelo chão
E fede
Fede como o enxofre infernal

É a obra do filho mais moço
Da mulher que recolhe
As moedas de caridade
E à medida que o ônibus balança
Passando pelos buracos, quebra-molas

Curvando em direção ao terminal
Contornando o Centro Cívico
O vômito vai se transformando
Numa pintura de Pullock

A mulher leva as esmolas e deixa o vômito do filho
Acompanhar cada passageiro
Pela cidade
Ninguém vai limpar
E as janelas não vão ser suficiente para o cheiro
Deve ser alguma figura de linguagem
Falando sobre capitalismo tardio

O enlatado de humanos
Cruza a cidade
Da Ville Roy até o fim do Equatorial
A cidade parece mais cinza
O verde vai perdendo lugar
A Boa Vista Pós-Apocalíptica será repleta de arranha-céus

Não consigo segurar
Com Licença
E perdão a todos

Porque sou assim
Me comunico com o vômito dos outros
Vomitando de volta
É a minha revolta
Esse ônibus é amaldiçoado

Pinto o chão com meus pedaços
Meu rio se junta ao rio
Do filho da pedinte
É um rio azedo

Agora todos sabem
Está por todo lado
Meu almoço
Foi bife malpassado

A ESTRELA

Darliane do Socorro Santos da Silva – 3º Lugar
darlianeank@gmail.com

A estrela mais bonita
É aquela qual enamorou-se, meu coração
Constelação nenhuma me encanta
A cidade apagada já não diverte mais

Trovoando o tempo vai:
Velho, triste, vulgar
Nesse silêncio secreto
É que consiste a devoção

Bajulo as esperanças
Fabulo palavras
São vãs
À ela, estrela que é
Mata o tempo e o meu coração

POEMA À UERR OBRIGADA

Alba Marina González Andrade
albamarina0107@gmail.com

Uma vez Pensei em desistir,
o caminho era difícil de andar. Estudar, nem pensar!
E meus pés doíam ao avançar, mas eu sabia que não devia me preocupar,
porque amar e sonhar sempre devem fluir
como água de rio, como aves no céu. Você, apenas sorria
e deixa à sorte chegar.
Espera! Um dia o esforço dos anos, as noites,
os dias e o estio da vida que passa, trarão intensamente e como
um tremor, a esperança do sucesso que se torna realidade,
e a alegria de ser uma luz que ilumina a escuridão.

ÊXITOS E ASPECTOS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA

Janiele Gama Pontes
janielegama17@gmail.com

Em meio a natureza, ao canto dos pássaros
Ao soar das águas do Rio Branco ao vento
A universidade de Roraima se ergueu forte
Como as plantas do cerrado da região Norte

O azul presente e tão aparente em sua forma
Semelhante ao azul do céu de Boa Vista
Nos transmite um sentimento de esperança
Trilhando os caminhos com perseverança

Há 18 anos surgiu uma estrutura de ensino
Que ajuda pessoas a atingir os seus objetivos
Realizar os seus sonhos e alcançar as suas metas
Gerando profissionais a um futuro que prospera

No campus sentimentos a diversidade presente
Em estudantes de bacharelado e licenciatura
Os quais cedo madrugam e vão à luta diária
Sem regressar, focado em um futuro a alcançar

A Universidade continuará a realizar sonhos
Ensinado aos discentes a ultrapassar obstáculos
Com o apoio dos docentes e demais profissionais.

MEU EU CRIANÇA

Camila Godoy de Menezes
camilagodoydemenezes@gmail.com

Veç ou outra
sinto saudade de ser criança
e hoje fiquei pensando
que quando somos crianças
temos uma visão distorcida da vida
só que talvez é ao contrário
talvez não, tenho certeza
e é agora, enquanto adultos
que não sabemos mais
aproveitar as coisas simples
e significativas da vida
hoje tudo se resume ao trabalho
à produtividade, aos títulos, ao status
e sinceramente, eu não quero isso
eu quero ser criança de novo
brincar de bonecas e bonecos
jogar futebol na rua
correr o risco de arrancar uma unha do pé
comer bolinhos na casa da minha vó
sem contar as calorias
andar de mãos dadas com a minha mãe
dormir no colo dela no meio de algum evento de adultos
quero voltar a escrever canções
mas só me saem poemas
quero voltar à cidade onde eu cresci
mas meus amigos não estão mais lá
tudo mudou, minhas prioridades mudaram
eu não consigo voltar a ser quem eu era
porque o mundo exige muito de mim
e a sociedade ainda mais
mas como eu gostaria de abraçar a criança que eu fui
e falar pra ela que no futuro
tudo está razoavelmente bem
que eu estou dando conta
me tornei alguém que eu gostaria de ter conhecido
estou lidando bem com a correria

apesar de não querer
mas ainda sinto medo da chuva e das baratas
então, meu eu criança
aproveite enquanto há tempo
porque agora tudo passa mais rápido
e o papai Noel não existe mais
mas não quero te desanimar
quero te celebrar
meu eu criança
tenho saudade
e muito orgulho de você
espero que você também tenha de mim.

A CONTRADIÇÃO HUMANA

Elemar Kleber Favreto
elemarfavreto@uerr.edu.br

Sou o Nada de um Tudo de um vazio eterno,
A eternidade vazia de um nada temporal,
O tempo esgotado de uma infindável finitude,
O segundo eterno de horas passageiras.

Sou os olhos do cego em um mundo sem visão,
A mentira que virou grande verdade de um mundo minúsculo,
A escuridão de uma luz sombria em um mundo de trevas,
A luz da morte em um mundo de vidas escuras.

Sou a angústia de uma tristeza que não para de rir,
A imagem de um espelho turvo numa sala escura,
O sentido errôneo de uma certeza sem-sentido,
O acontecer de um acontecido que ainda acontecerá.

Sou a força do fraco em uma vida de fortes fraquezas,
A pequena imensidão dentro de enormes grãos de areia,
A lagoa seca de um deserto úmido,
A bravura do covarde que foge bravamente.

Sou o caos ordenado em um cosmos caótico,
A imensidão do tempo num espaço finito de uma eternidade tola,
O devir de um presente, passado em um futuro distante,
Uma verdade falsa em um mundo de mentiras verdadeiras.

Sou a existência essencial em uma essência inexistente,
O Universo infinito em um Multiverso finito,
A não-contradição da vida em uma vida contraditória,
A humanidade histórica de uma história desumana.

O MAL DO POETA

Ana Carolina da Silva Rodrigues
alinarodriguesbol@gmail.com

Me disseram que os poetas sabem amar.
Sou um mau poeta,
Procurando amor em abraços vazios,
Em corações quebrados.

Se um dia encontrasse o amor,
Ele fugiria de mim,
Como posso amar sem me machucar,
Como posso receber carinho sem ser insistente?

Dizem que dos sofrimentos surgem os melhores amores,
Aprendi que a dor, na verdade, afasta o amor.
O que me resta é amar as minhas cicatrizes,
De um corpo repleto delas, clamando por pertencer a algum lugar.

Se for o mal do poeta acreditar que há amor sem dor, Fluindo como água,
E duradouro como o céu,
Eu desejo ser o pior dos poetas.

O CABOCO DO RIO BRANCO

Jairzinho Rabelo
jairzinho.rr@gmail.com

No rio que nasci,
já não há remanso de brancura.
O amarelo turvo abraçou
a ganância de bamburrar.

De chibé e peixe frito enchi meus sonhos,
de que um dia haveria vida,
de que minha rede não estaria vazia
e a canoa exprimida pela ambição.

Quem bebe agora dessa água,
pode engolir o mercúrio assassino.
Cada bateia e draga usada
faz o caboco do rio morrer em mim.
Até o lavrado dos nossos encantos
sofre com escavações e plantações.
Já não tens o mesmo rosto.
a natureza em prantos, resiste.

Como um caimbé retorço a esperança,
de que um dia tuas cachoeiras
não chorarão a desertificação
da Amazônia setentrional.

Como um caboco sonhador
remexo a paçoca e
reviro o buriti das minhas veias
para salvar meu rio....

Para o poeta
sou neto do nordeste
que dança forró na maloca
e delícia a damurida com beiju.

E a nossa farinha?
Torrada no tacho de outros estados,
Já vem dividida em classes,

Todos se delíam.

Sem esquecer o rio,
que corre e desatina.
As minhas caboquices
Devem se eternizar...
...nas águas que eu sonhei
...nos sonhos que não morreram
...pelas corredeiras da ingratidão humana.

MUNDO DE HIPÓCRITAS

Maeli Garcia Soares
maeligarciasoares@gmail.com

Diz que o político é louco
Rouba com muita destreza
Mas na hora de pegar o troco
Ficar com o que vem a mais é esperteza

Na mídia prega a preservação
Protege com afincos a fauna e a flora
Mas no cotidiano suas ações são de poluição
E quando está no carro joga o lixo pra fora

No Instagram defende o humanitarismo
Abraça as causas indígenas
Mas na rua age com autoritarismo
Tratando o estrangeiro como alienígena

Querem ter um país justo
Se dizem verdadeiros
Mas na hora do susto
Quem vence é o jeitinho brasileiro

Mundo de hipócritas
Sociedade corrompida
Possui máscaras bonitas
E tudo começa no seu estilo de vida

POEMA

Mayelle Oliveira de Azevedo
mayelle20oliveira@gmail.com

Na solidão da noite, a saudade aflora,
Memórias do passado, como ondas que agora,
Invadem minha alma, trazendo a sensação,
De que falta algo aqui, no meu coração.

Saudade, doce amargura, que me faz lembrar,
Dos momentos vividos, a sorrir ou a chorar,
Das pessoas queridas, que partiram da vida,
Deixando um vazio, na minha despedida.
Nas noites estreladas, olho o céu a brilhar,
E imagino que lá em cima, eles continuam a sonhar,
E assim a saudade, com carinho e emoção,
Se transforma em poesia, na canção do coração.

Saudade, sentimento que nos faz crescer,
Valorizar o que tivemos, aprender a agradecer,
Pois no tecido da vida, ela é um fio a costurar,
As lembranças e afetos que jamais vão se apagar.

Quem sente saudade de alguém que já partiu, sabe o buraco e o vazio, que somos obrigados a levar.

Melhor valorizar em vida, do que chorar com a dor da partida, de alguém que nunca mais vai voltar.

O EGO

Gabriel Lucas Franco
gabriel_franco@alunos.uerr.edu.br

A dúvida é como um constante nó,
Que insiste em apertar minha garganta,
Entre amar o proibido, amar o segredo,
Ser prisioneiro da vida, refém da ilusão.

Escolha o que quiser, mas não quero ter que escolher,
Se for para escolher, que seja os dois,
Se existe alma gêmea, fui condenado a amar por dois, Sofrer por dois e viver por mim.

Escolhas nos moldam, nos mostram quem somos,
Se existem dois caminhos, dois corações,
Eu escolho voar pelos dois e não amar nenhum,
E amar os dois como se fossem um.

Quem limitou a forma como amamos?
Proibiu o prazer elemental, a dualidade de amores, O ego que limita é o mesmo que causa a ira,
O sol que inspira pela manhã traz consigo a chama.

A lua que durante a noite me consola também traz consigo a revolta.

O QUE FALAR DE TUA AUSÊNCIA

Huarley Mateus do Vale Monteiro
mdmvale72@gmail.com

O que falar de tua ausência.

O que dizer se és silêncio...

corrosivo...

Agora arde e cala meu clamor,

calor e cólera,

sombra e dor.

O que dizer de tua ausência...

AS PALAVRAS DE MEU PAI

Ronnie Jefferson Valentim Silva
ronnie.jeffersom@yahoo.com.br

Certa vez ouvi de meu pai:
Estude, trabalhe, cresça e case,
Só assim se pode honrar país, família, disse ele.
E eu desatento olhando o mundo
E vendo o mundo, não pude compreender
As palavras que ouvi de meu pai

Via pedreiros, carpinteiros, faxineiras, prefeitos, Cozinheiros, vendedores de peixes,
damas de sinais, palhaços de circo, estudantes, mestres, doutores.
Via que todo mundo era assim:
Estude, trabalhe, cresça e case
Eram todos honrados demais, e eu olhava ao lado
E via suas casas, tijolos, paredes, tetos, chãos, televisões,
Fios, peças, bicicletas, engrenagens, parafusos, computadores
Quartos com pessoas cansadas do trabalho com livros estudando,
Geladeiras com latas de conservados, vidas honradas, vendidas

Cansado de ver isso olhava para aquilo
Casas e terraços abandonados e calçadas com mendigos;
Rios, peixes e fazendas e a gente morrendo de fome,
E quando me cansava disso, lembrava das palavras de meu pai

APATIA

Stephanne Ohana Timóteo da Silva
stephanneohana26m@gmail.com

Tenho buscado incessantemente meu caminho,
A tempos atrás
cada curva era uma novidade,
Hoje tenho a sensação
que nunca chegarei a lugar algum.
As curvas não me surpreendem mais,

E a estrada
está pavimentada por sonhos destruídos.
A vibração da vida ainda trepida,
mas a velocidade diminui a cada instante
e quando se dá conta,
a paisagem passou, não acrescentou.

A força adormeceu
e a inteligência se cansou,
o que restou nessa tortuosa estrada foi apenas
a obstinante vontade de chegar a algum lugar.

A energia descabida e sua constante
no seu ritmo lento e malsofrido.
O vento ainda beija meus cabelos,
mas minha alma fria
é solitária
e se fecha no motor da vida monótona e nostálgica.

BROMELI-ANDO

Tatiane Marie Martins Gomes de Castro
tatianecastro@uerr.edu.br

Cálices de vidas

Em seu íntimo, um oceano

Vidas semeadoras de nuvens

Têm nas árvores, a companhia

A abraçar com suas raízes

Juntas semeiam e condensam

A nuvem a flutuar no céu

Para depois retornarem

Ao interior se si mesmas

Lá onde nutrem a vida.

BOM HUMOR

Vitoria Vivian Ferreira Santana
vitoriavivianferreirasantana@gmail.com

Gosto de ser gente porque como tal

Percebo afinal, que a construção da minha

Presença no mundo faz a diferença.

Diferença isenta de conceitos ruins

E com uma importância de interferir no futuro.

Pois os obstáculos não são eternizados,

Eles fazem parte do processo.

Gosto de ser humano pensante,

As vezes rude, mas acima de tudo

Ter generosidade para entender

Que a humanidade é feita de adversidades.

Gosto de ser gente, decente, importante, atraente, competente

O maior princípio é perceber que a vida é um presente.

O PERFEITO AUTOR

Yorelis Yeraldin Montilla Briceño
montillayorelis@gmail.com

Cada manhã ao acordar
Posso contemplar
O grande desafio que o criar te deu.
Mas com muito amor e dedicação
Desta grande vida a tamanha criação.

A natureza pode proclamar
A sabedoria que só em ti há.
Quando ao criar com inspiração
Desta grande vida, brilho e cor
A tão perfeita criação.

EL ÁRBOL DEL AMOR

María Michely Ruíz Hernandez
mariamichelyr@gmail.com

Eres tú Madre querida

Lo que más admiro y quiero

Eres lo que más venero, lo más grande de mi vida

Eres quien protege y cuidas de tus hijos con amor

Eres el gran resplandor de una llama incandescente

Eres el Lucero ardiente

Que nos das Luz y Calor

La Madre es todo ternura

La Madre es todo verdad

Único amor verdadero porque no se transfigura

La Madre siempre procura para el hijo lo mejor

Llora cuando hay dolor y ríe cuando es feliz

Porque la Madre es raíz en el árbol del AMOR.

CONTOS

NÃO QUERO VIRAR UM ESQUELETO

Eduardo Campos Silva – 1º Lugar
eduardo.silva@uerr.edu.br

Minha mãe disse que Deus não existe. O meu amigo Paulinho disse que Deus existe e me chamou para ir com ele na paróquia falar com Deus e eu fui pedir da minha mãe porque eu queria ver Deus e falar com ele para minha mãe ver que ele existe e Paulinho disse que são amigos. Ele e Deus. Minha mãe não deixou. O Paulinho me disse que Deus salva as pessoas quando elas ficam em perigo ou cura as pessoas quando estão doentes. É só fechar os olhos e pedir. Minha mãe disse que o Paulinho não tem culpa por ser assim. Todo mundo na casa dele vomita essas coisas dentro da cabeça dele e que um dia ele vai ser livre dessas coisas.

Que coisas?

Deus.

Se eu soubesse que Deus curava as pessoas teria pedido para curar meu pai, mas eu acho que é mentira do Paulinho porque agora mesmo eu estou fechando os olhos e pedindo para Deus me tirar desse buraco fundo que eu caí e ele não me ouviu. Talvez seja porque o buraco é mesmo muito fundo. Meu pai era a pessoa mais alta que eu conhecia, mas mesmo ele nunca ia conseguir sair daqui sozinho. Meu pé está doendo. Tem a sanguessuga de sugar sangue aqui dentro. É um bichinho preto que parece chiclete esticado. Igual quando você faz na língua para fazer uma bola de chiclete gigante que estoura e aí gruda na sua cara toda. As sanguessugas que sugam sangue se grudam sorrrateiramente em sua pele e seu sangue é sugado até você não sobreviver mais. Foi meu vô Riba que disse isso. Não sei o que significa sorrrateiramente

Quando eu caí tinha um papagaio avoando alto. Ele tinha sido cortado por outro papagaio. Minha mãe não deixava usar cerol na minha linha. Brincava só de subir o papagaio nas nuvens. Ele tava descendo e eu ia pegar. Tinha palha de coqueiro no quintal grande e baldio que o papagaio entrou. Baldio quer dizer abandonado e quintal abandonado jogam carniça. Vô Riba que disse. Não tinha carniça nesse.

Pulei nas palhas de coqueiro porque vi uma aranha e não queria pisar nela porque uma moça bonita chamada Hilda disse que aranhas são amigas e você não pisa em amigas. Também não pisei porque tenho medo de aranha. Quando eu pulei nas palhas de coco fui sugado para dentro do buracão. Um poço quebrado que ninguém usa mais.

Agora já faz três dias que estou aqui.

Ontem eu estava com sede e aqui não tem água. É um poço sem água. Meu pai disse que no deserto quando eles bebem o próprio xixi. Porque também não tem água. Eu não estou no deserto. Tô com sede.

De noite é frio aqui embaixo. Quando tá frio eu molho a minha cama. Não conta para ninguém. Acordei hoje molhado pelo xixi que estava pensando em beber e foi um desastre. Meu vô Riba disse que desastre é quando algo ruim acontece.

De manhã choveu. Fiquei bem feliz. Porque mesmo aqui embaixo a chuva chegou e aí bebi água da chuva que deve ser melhor que xixi e agora eu estou com fome e queria macarrão com salsicha cortadinha pequeninha que minha mãe faz, mas ela nunca vai me achar nesse buraco e eu não vou conseguir sair. A chuva choveu muito aqui no Fundão desse poço estragado que ninguém usa mais. Pensei que ia chover tanto que ia encher o poço e com ele cheio e eu ia flutuar e sair andando para fora e ia correr para casa.

Acho que vou ver meu pai. O Paulinho disse que quando os pais vão embora eles vão para um lugar que tem todos os que foram embora e eu vou para lá porque eu sinto que meus olhos vão fechar e eu vou cair no sono para sempre e ficar aqui no buraco. Minha mãe disse que o meu pai virou esqueleto.

Vou cochilar um pouquinho aqui porque eu tô cansado de ficar em pé olhando para cima esperando Deus vir ou alguma escada descer e eu subir ou uma corda vir aqui e me puxar ou alguém lembrar desse poço esquecido e consertar esse porque ele com certeza tá quebrado.

Vou encostar minha cabeça nessa parede. Sentá no chão.

Dormir.

A luz vermelha e azul de um disco voador faz ficar claro o céu. Para os outros é o chão. Eu tô embaixo do chão e qualquer coisa em cima é o céu. A voz de gente grande começa a fazer barulho de palavras que eu não sei o que é porque ainda não aprendi todas as elas ainda com meu vô Riba e minha roupa tá molhada de xixi e chuva e eles vão ver. Minha barriga tá roncano e acho que amanhã é meu aniversário. Sete anos se faz com uma mão cheia e dois dedos da outra mão. Será se um dia eu vou encher as duas mãos? Uma luz acerta meu rosto. Não consigo ver quem são os alienígenas. Eu fecho os olhos. Não sei o que vai acontecer agora. Só não quero virar um esqueleto.

A FLECHA DO CUPIDO

Elemar Kleber Favreto – 2º Lugar
elemarfavreto@uerr.edu.br

Despertei muito tarde naquela manhã, que erroneamente pensei ser domingo, mas que cruelmente ainda ser sexta-feira. Adentrei no escritório quando o relógio já marcava impiedosas onze horas, e, com isso, mereceria o olhar severo e a inspiração de reprovação de meu prepotente superior, Roderick. Entretanto, não o avistei naquela manhã.

Naquele dia, algo se transfigurou no cerne da minha percepção. O universo ao meu redor passou a ostentar matizes enigmáticas, convidando-me a perscrutar a realidade sob uma perspectiva que até então me fora estranha. Talvez tenha sido uma súbita fratura no tecido temporal rotineiro, o rompimento com o inelutável que é a monotonia. Com precisão e determinação, posso afirmar que algo, indubitavelmente, mudou profundamente em meu íntimo naquela manhã.

No limiar desse recanto misterioso, comecei a notar que o tempo adquirira uma natureza estranha, como se cada instante se estendesse infinitamente. Não era que minha destreza estivesse diminuída. De fato, meu raciocínio ganhou uma velocidade inaudita. Com tal clareza de visão, percebi que poderia absorver o que ocorria ao meu redor, meditar sobre cada evento e, de forma extraordinária, atuar com presteza. Parecia que a realidade, naquele dia, flexionava-se, permitindo que eu explorasse seus recantos.

Logo em seguida, notei que o turbilhão incessante do cotidiano encobria detalhes ínfimos de minha existência, pérolas despercebidas que se ocultavam na maré do tempo. Tinham, aos olhos mundanos, pouca relevância, mas, para os olhos atentos, revelavam-se preciosidades. Num derradeiro estágio desse inescrutável dom, compreendi que poderia reescrever o livro da minha vida num simples piscar de olhos, traçar rumos novos para minha existência. Podia perceber outras vidas, entrelaçadas com a minha, como se coexistissem nas sombras do meu presente, além do alcance da atenção dedicada ao imediato. Como se um outro eu brotasse do enigmático tecido do espaço/tempo.

Comecei a registrar meticulosamente os detalhes negligenciados, munindo-me de discernimento para moldar o destino com escolhas conscientes, para prever o curso dos acontecimentos e agir, com destemor, no limiar exato do porvir. Era como se eu pudesse antever o caminho que minhas decisões me levariam ao longo do oceano do tempo, guiando meu barco através das correntes da incerteza, num eterno esforço para prevenir o infortúnio e conquistar o bem. O mundo, então, se tornou meu tabuleiro, onde eu, humildemente poderia, finalmente, escrever o meu destino, traçando as linhas que desafiariam o efêmero.

Num dia comum, eu teria facilmente ignorado aquele olhar furtivo, mergulhado no torvelinho de minhas tarefas e responsabilidades cotidianas. Porém, naquele dia singular, quando nada podia escapar à minha vigilância aguçada, não pude deixar

de notar. Lenore, minha discreta colega de trabalho, de olhos azuis serenos, por vezes lançava-me olhares fugazes por cima dos óculos. Era um gesto sutil, quase imperceptível para quem não estava tão embriagado pela atenção do dia a dia.

Aqueles olhares, que duravam breves instantes, continham todo um mundo de significados. Naquele momento de pausa, tive uma eternidade para contemplá-los e decifrá-los. Eles pareciam expressar sentimentos profundos, aninhados no coração tímido de Lenore, que recentemente se aventurava a interagir com os demais. A consideração de que alguém pudesse perceber a intensidade de suas emoções a mantinha calada e escondida nas sombras do escritório.

Meu destino entrelaçado com Lenore, que se desvendava naquele instante, trouxe à tona uma miríade de interrogações e reflexões. Como a tessitura de um labirinto intrincado, aqueles pensamentos se entrelaçaram com a turbilhão de acontecimentos que, de alguma forma, ocorreram simultaneamente.

Nesse mesmo momento em que mergulhava nos enigmáticos olhos de Lenore, meu raciocínio ágil explorava os cantos escuros da realidade, questionando sobre o que poderia surgir dessa descoberta. O misterioso dom que me permitiu perceber e agir com tanta presteza se revelou, mais uma vez, como uma faca de dois gumes. A cada instante, eu pude vislumbrar um cenário em constante mutação, e a decisão a ser tomada sobre os sentimentos de Lenore tornou-se uma teia intrincada de escolhas e desfechos possíveis. Nesse enigma atemporal, me perdi e me reencontrei, como personagem de um romance bordado nas sombras de um escritor desconhecido.

Após emergir de meus pensamentos sobre o dilema daquele olhar, decidi que era chegado o momento de confrontar Lenore com meus próprios sentimentos e inquietações. Dirigi-me a seu recanto no escritório. A cada passo, a tensão aumentava, tornando-se quase palpável, e eu sabia que aquele encontro seria como atravessar um abismo escuro, sem saber o que me esperava do outro lado.

Por um breve instante, nossos olhares se cruzaram, como dois ímãs que se atraíam. Naquele breve momento, as dimensões se distorceram, e fui transportado para um mundo paralelo e hipnótico. Era como se os olhos de Lenore se tornassem portais para uma realidade alternativa, onde cada pensamento e sentimento fluíam livremente. O tempo pareceu estagnar mais uma vez, e o espaço se dissolveu.

Nesse mundo de sonho, Lenore e eu caminhávamos por ruas sinuosas, banhadas pela luz dourada do pôr do sol. Nossos risos flutuavam no ar, e o toque das mãos parecia transmitir uma ligação indomável, uma cumplicidade que transcendia as palavras. Os olhos de Lenore, agora luminosos e calorosos, aqueciam minha alma. Nossas vidas se entrelaçavam em cores diversas, projetando um futuro em que os obstáculos se tornariam oportunidades e o entendimento se erguia como um farol em meio à escuridão.

Ao caminhar resolutamente em direção à mesa de Lenore, carregando os vestígios da visão fugaz de meu mundo imaginário, uma sensação de apreensão ecoava em meu íntimo. À medida que me aproximava, o coração palpitava em descompasso com a realidade que se delineava diante de mim.

Quando finalmente alcancei sua mesa, fui recebido pelo olhar cortante de Lenore, e suas feições não revelaram nenhum traço do afeto que eu havia imaginado. Seus olhos azuis, agora endurecidos, encaravam-me com um desagrado indomável. Foi nesse momento que uma verdade se desvendou de maneira irrefutável. Sobre a mesa de Lenore havia uma nova plaqueta, não mais aquela que tradicionalmente se via.

Lenore, minha colega de trabalho enigmática, havia ascendido naquela manhã a uma nova posição, tornando-se a nova gerente do departamento. Os olhares que ela lançou sobre mim, e que eu erroneamente havia interpretado como uma expressão de carinho, eram, na verdade, olhares de censura pelo meu enorme atraso.

No meio do silêncio que se instalou entre nós, percebi que a recente promoção de Lenore desvanecia a minha visão idealizada de um mundo em que nos encontrávamos plenamente. Os suspiros de minha própria imaginação ecoaram como ecos distantes, enquanto eu me via confrontado com a verdade incontornável.

Assim, nosso encontro não foi o prelúdio de um romance que eu havia sonhado, mas uma dolorosa revelação de que, na complexidade do mundo real, os olhares podem ser enganosos e as percepções, equivocadas. Lenore, agora minha superiora direta, questionou severamente minha pontualidade negligente, e suas palavras penetraram fundo, ecoando como um chamado à responsabilidade. À medida que a conversa prosseguia, a visão do mundo imaginário que eu tinha compartilhado com Lenore tornou-se uma lembrança fugaz, um sonho que se desvanecia diante das exigências do presente.

O que eu, então, supunha ser um presente, desdobrou-se em uma cruel revelação, tornando-se um intrincado infortúnio. Uma teia inexorável, tecida pelos acontecimentos daquela manhã, arrastou-me até o abismo das emoções, onde, de forma inesperada, meu objeto de paixão não era outro senão minha respeitável superior.

UM SUSSURRO DA ETERNIDADE

João Paulo Maciel de Araújo – 3º Lugar
joaopaulo-araujo@outlook.com

A canoa deslizava vagamente pelas águas do rio que refletiam um bruxuleante e intenso alaranjado dos últimos raios de um final de tarde quente. O calor era mitigado pelo frescor da água e pela cruviana que cortava o espaço. O vibrante verde da floresta em diferentes paletas e texturas dava lugar a tons opacos que aos poucos se transfigurava em formas escuras. Os pássaros se recolhiam entre as árvores numa cacofonia de cantos indiscerníveis. Hoje não terá lua.

Às vezes me pergunto o que diabos vim fazer neste lugar. Sair do sudeste do Brasil para o extremo norte. Roraima, no meu imaginário, era só mato, índio e bicho; bem, em parte ainda estou certo. A vida incerta das grandes metrópoles e a garantia de um bom salário, me fez mudar de ideia e desapegar de São Paulo. O funcionalismo público é algo que dificilmente alguém rejeitaria. Ao invés de uma selva de pedras eu agora tenho uma selva de verdade e já que estou aqui, resolvi mergulhar no ecoturismo.

Todavia, nem tudo são flores. Assim, não desejo que esse relato transpareça algum tipo de horror. O horror aqui é apenas uma palavra inadequada para o que poderíamos chamar de espanto. E o espanto consiste em ver algo que sempre esteve diante de nossos olhos, mas que não era acessível. É como se houvesse um véu encobrendo tudo. Mas para descortinar a percepção condicionada pela vida cotidiana, é preciso desacelerar, estabelecer um outro ritmo para contemplar tudo de novo sob uma nova ótica. O problema é que nossa razão totalizante nubla a nossa experiência das coisas. É como ouvi falar em alguma longínqua aula da época de faculdade: nos labirintos da mente, a nossa razão sempre será insuficiente. E aqui estou no extremo norte do país, negociando com um habitante de dois mundos a entrada num mundo completamente novo.

Depois de um percurso de quase três dias, numa pequena canoa pelo baixo rio branco, pude perceber que não me programei o suficiente. Já se passaram doze horas desde que fiz minha última refeição. O meu guia, Matias, um Yanomami, era bem versado no português. Minha relação com ele era superficial, no fundo eu sentia que ele queria ensinar-me algo, alguma coisa importante, algo que eu levasse para vida. Mas minha mente inquieta e ansiosa sempre antecipava seus discursos tentando explicar da melhor forma possível que já compreendia tudo do que ele tinha para me falar.

Esse é o problema da nossa civilização, com nossas categorias totalizantes, lançamos uma espécie de rede nas águas do desconhecido e julgamos que o que apreendemos é o real. Acreditamos que nossas teorias falam das coisas como elas realmente são. Mas o relato do qual pretendo compartilhar é algo que vira completamente do avesso nossas conjecturas sobre o mundo e a natureza. Aprendi com Matias que a palavra escrita é uma coisa morta. No começo ela parece viva, mas depois vai secando como uma pequena poça que formara às margens do rio devido à cheia ou a uma chuva

sazonal. A conversa, ele disse, já é outra coisa, quando falamos, respiramos, estamos vivos, como esse rio seguindo seu curso.

As palavras de meu guia causavam-me uma espécie vertigem. Seu rosto assumia contornos estranhos, como se estivesse transfigurando-se em outras formas humanas. Nessa hora imaginei que poderia ser apenas um delírio devido ao jejum e ao consumo de algumas ervas e sementes que Matias houvera compartilhado comigo. Na medida em que a canoa flutuava seguindo o curso natural das águas, sentia que meu corpo perdia materialidade e naquele momento não sabia mais se estava sonhando ou acordado. A sensação é que estávamos presos numa região crepuscular entre o dia e a noite. O tempo parecia se arrastar, as coisas assumiam aparências heterogêneas e distantes do que estava acostumado. O semblante de Matias não era mais o de um homem com seus trinta e poucos anos, agora ele parecia um ancião.

Quem é você? Perguntei.

Sou um habitante desta terra, filho de Omama. O que faz aqui?

Poderia ter respondido qualquer coisa, mas pela primeira vez realmente não sabia o que dizer. Talvez nunca soube realmente o que dizer e por isso sempre respondi com respostas prontas e superficiais, daquelas previsíveis, que as pessoas geralmente esperam em seus diversos contextos dialógicos. Pensei em todas as nossas relações superficiais e transitórias onde ao final ninguém se importa. Nesse exato momento sentia que algo diferente estava acontecendo, foi quando fui invadido por um sentimento de ansiedade e medo da morte.

- Vocês temem tudo que não controlam.

A voz agora assumia uma aparência jovem e cheia de vigor. O semblante de Matias aparentava alguém com menos de vinte anos.

O que está acontecendo?

Não percebeu? Você está em meu mundo. Sua mente que estava fragmentada pelas amarras da mudança e do tempo, te impedia de contemplar o sorvo da natureza. Vocês falam de energia, mas conseguem sentir tudo isso? Conseguem sentir a vibração que emana de cada espaço da floresta?

Suas palavras vibravam por todo o ambiente e naquele momento pude ver o que nunca tinha visto. Dali em diante, todas as minhas crenças estavam em suspenso, era como se nada pudesse ser aplicado naquela extraordinária condição. Sentia-me como se estivesse vendo tudo pela primeira vez, isto é, sem as vestes civilizatórias da linguagem, sem julgamentos, apenas me sentia como parte de tudo aquilo. Por um momento tentei conjecturar uma cosmovisão, mas logo percebi o quão limitado era tentar fazê-lo. Para o que estava vivenciando, o mais adequado seria uma cosmo-percepção, pois, todos os meus sentidos eram privilegiados, todos possuíam o mesmo peso e valor na idiosincrasia sensorial pela qual estava passando. Na minha experiência de visão de cores, existiam

sabores e os sons, tinham cheiros. Tudo isso ocorria de forma amalgamada sem qualquer descontinuidade.

Imagine Yanomamis agarrados em Omama. Eles não conseguem abrir os olhos para ver toda a sua magnitude. Das partes que suas mãos conseguem segurar, eles definem quem é Omama. Mas quem é Omama? É o cabelo? São as pernas? Sua barriga cheia de tabaquis? Nenhuma definição tem o poder de dar conta de quem é Omama. Em nossas vaidades julgamos conhecer as coisas e em nome disso, praticamos atrocidades. Quando não há equilíbrio nos tornamos canibais da natureza. Isso mesmo, já faz muito tempo que vocês se esqueceram que também são natureza.

Matias parecia desaparecer diante dos meus olhos, sua aparência translúcida se fundia no turbilhão sensorial do qual estava imerso. Nesses últimos segundos, pude captar algo em seu rosto que revelava o infinito e o desconhecido. Foi aí que percebi que nossas categorias de pensamento são prisões que engessam nossa visão das coisas. O outro sempre será um infinito abismo diante de nós, e nossas tentativas de controle e inteligência serão inúteis. Eis a dura lição que despedaçou minha vaidade, mas que me transformou por completo em algo que escapa qualquer explicação.

Naquele não-lugar entre o dia e a noite, o tempo se comprimia até rachar o espelho da ilusão e revelar a eternidade das coisas. Meus pensamentos também pareciam se comprimir como se estivessem petrificados, tudo parecia assumir uma forma estacionária. Mas antes de tudo isso, ainda me veio à lembrança de Matias. Ele dizia que os mitos de criação são apenas um ponto de partida em nossa racionalidade, que a verdadeira transcendência revela que não há mito algum, que nada fora criado e que, portanto, nada terá fim. Naquele exato momento, senti um apego por tudo que vivi antes, eu já não era mais o mesmo e não sabia se podia voltar...

A canoa na qual estava o funcionário público, residente no município de Caracaraí, F. K. Dias (32), foi encontrada às margens do baixo rio branco. Nela havia uma mochila com um diário e alguns pertences pessoais. Moradores locais de comunidades ribeirinhas relataram ter avistado um homem navegando sozinho pelo rio em uma canoa Yanomami. Não se sabe como ele a conseguiu e seu paradeiro continua um mistério.

O ESTUDANTE

Ronnie Jefferson Valentim Silva
ronnie.jeffersom@yahoo.com.br

Pedro tinha bons amigos, uma boa família, sonhos gentis ao lado de uma garota, porém, Pedro tinha que alcançar seus sonhos, quando em um momento sua vida era perfeita e ele estava interessado no que deveria se interessar: o estudo, vinha da janela do seu quarto, ou melhor, pela tela do seu celular, o desvio. Terrível desvio. Trocava seus sonhos por uns prazeres bobos. A garota vinha cedo demais, e cedo demais atrapalhava seus estudos. Seus bons amigos, eram bons amigos até demais, o distraíam. Dessa forma os sonhos gentis de Pedro não poderiam se concretizar. A mãe de Pedro vivia doente e sobrava para ele, mais do que para o pai, auxiliar ela. Outras ninharias da vida sempre surgiam, de sua irmã, de um ir a fila do banco, de um vim de parentes distantes...

Vieram duas soluções para Pedro, dar profundo segmento ao estudo e se livrar das intempéries da vida cotidiana, tal oportunidade veio em forma de uma bolsa de estudos, qual ele foi aprovado, para estudar longe. Deixou os amigos, deixou a família e foi.

Tudo ocorria como Pedro planejava. Aquela universidade era constituída principalmente de pessoas como ele, de sonhos gentis e ambiciosos, certamente pessoas dadas de tal forma ao conhecimento que estariam prazerosas em rejeitar uma ou duas amizades por um período de tempo justo. Ou seja, era realmente o alinhamento dos planetas, Pedro não tinha amigos e tinha tempo. Pedro passou a estudar fervorosamente naquela terra de estranhos, sem mãe para cuidar, sem fila de banco, sem irmã. Era o bom e velho Pedro e os livros.

Quando Pedro completava cerca de dois anos naquela universidade, uma mensagem surgiu na tela de seu celular, era sua irmã, contava que a mãe deles havia descoberto casos extraconjugais do marido, aquele pai, senhor instruído, engenheiro de carreira. “Que mal”, pensou Pedro. Havia perdido a maior parte do contato com seus amigos e nos meses que correram, por qualquer motivo, aparentava que a saúde da sua mãe se agravava. Conseguiu visitá-la três vezes durante o decorrer de quase um ano. Ela não melhorava e parecia sofrer depressão desde o conhecimento dos casos extraconjugais. Era a irmã, moça ingênua não aplicada ao sucesso, que cuidava da mãe. Enquanto tudo isso passava ele continuava a se dedicar a estudar naquela terra de ninguém.

Ainda muito longe de casa, em um dia de verão, quando já estava formado, recebeu uma mensagem informando o falecimento da mãe, uma lágrima triste correu em sua face. Depois casou-se, fez novos amigos. Mas não parecia ser como ele sonhou, nem parecia ser como antes.

POR UM TRIZ

Stephanne Ohana Timóteo da Silva
stephanneohana26m@gmail.com

Era mais um domingo quente na imensa selva de pedra. Naquela época, eu participava de um grupo de dança de rua na igreja onde frequentava. Tinha meu parceiro Timão, ele também era da igreja e participava do grupo junto com outros integrantes, e o professor Gerson era o líder dos jovens. Naquele dia esperei por Timão para irmos na casa do professor saber sobre o ensaio da próxima apresentação.

Antigamente, o professor Gerson morava na rua da minha casa, com a mãe dele D. Deth, mas depois que se casou, foi morar com a esposa em outro bairro, não muito longe do nosso. Era a primeira vez que eu estava indo na casa nova do professor, tinha dito que só iria quando consertasse meu camelo, pois a distância não era tanta a ponto de ter que pegar ônibus, e nem tão perto a ponto de poder ir a pé sem chegar lá cansado e suado. Quando chegamos numa encruzilhada, uma das ruas dava para a ladeira e a outra para um beco, meu brother Timão apontou para cima e disse que o professor morava logo ali, desmontamos e subimos empurrando as bikes. Mas quando olhei para o beco vi que tinha um cara nos encarando, fiquei um pouco cismado, até comentei com Timão, mas ele nem se ligou no movimento. Quando chegamos na casa do professor, batemos palmas e ele saiu, ficamos conversando na rua mesmo. Enquanto debatíamos sobre os horários e dias dos ensaios, o mesmo cara que ficou nos encarando, dessa vez, passou a pé com outro parceiro, igualmente mal-encarado, eu não estava conseguindo entender o que estava acontecendo, encarei de volta, pois estava procurando na minha memória se o conhecia de algum lugar, mas não consegui reconhecer. Terminamos a conversa, montamos em nossa bike e descemos a ladeira devagar, conversando numa boa. Quando chegamos no cruzamento do final da ladeira, Timão pediu para seguirmos pelo mesmo caminho que viemos, mas eu queria seguir direto, por uns instantes discutimos e acabei cedendo à sua vontade, então voltamos pelo mesmo caminho de antes. Não andamos muito, quando nos deparamos com o mesmo cara que nos encarou, dessa vez não estava sozinho, tinha outros vagabundos e eles estavam armados com facas. Imediatamente vieram para cima de nós, começamos uma briga covardemente acalorada, como não sou de amarelar, caí dentro, não sei mais ou menos quanto tempo foi isso, quando percebi, meu parceiro Timão tinha desaparecido. Foi quando levei um soco no rosto, desabei no chão e começaram a me golpear com facadas, a primeira, segunda, terceira. Caído entre a sarjeta e o asfalto, onde a água da chuva escorre, eu me espremi, fechei os olhos, só ouvia os sons das facas golpeando o concreto, outra facada, dessa vez no Cócix, deitado em posição fetal, eu me protegia do jeito que podia, outro golpe, agora perto do pescoço, pensei que seria meu fim. Quando dizem que você está com a vida por um fio, ela passa num piscar diante dos teus olhos, isso aconteceu comigo, afinal eu tinha só 17 anos e

como meu irmão mais velho sempre me dizia: “você ainda não viveu nada”. Não quero morrer!

De repente meu coração acelerou violentamente e num súbito de adrenalina um resto de fôlego surgiu do meu âmago.

- Meu Deus me ajudaaa!

Foi nesse exato momento que ouvi uma voz, não sei se foi um anjo, se foi Deus, se foi algum daqueles vagabundos falando:

- Ei pow, não é esse o cara, a gente tá se confundindo. Bora sair fora.

Nesse momento abri meus olhos e com um pouco de dificuldade vi o rosto do meu “salvador”, foi então que do jeito que surgiram, sumiram, me deixando jogado lá no chão. Levantei e saí andando pedindo ajuda, todo ensanguentado, as pessoas me olhavam com medo e pena. De repente senti uma mão no meu ombro, era um taxista que passava na hora e decidiu me ajudar, me pôs no chão do carro e disse para eu ter cuidado e não sujar os bancos de sangue.

No hospital, depois de todos os procedimentos necessários o doutor falou que por pouco não perfuraram meu pulmão ou me deixaram aleijado. Não tinha a noção de quantas facadas havia levado, mas foram cinco. Uma na costa do lado direito, no braço, na perna e as duas que mais me preocuparam, na nuca e no Cóccix. No mesmo dia peguei alta, e quando cheguei em casa, minha família ficou perplexa com o que viu. Passei um bom tempo de repouso, sem ir para escola, nem sair para lugar algum. Fiquei refletindo muito sobre tudo o que aconteceu. Depois de 20 dias decidi ir para escola, na hora do intervalo andando pelo pátio, de longe reconheci, um dos caras que me acertou. Ele também me viu, e surpreso veio em minha direção, não fiquei com medo, na verdade eu senti muito ódio. Queria finalizar ele ali naquele momento. Mas me controlei e quando ele chegou perto falou:

Ei, foi tu que a gente pegou confundido. Foi mal, os caras ficaram todos muito nervosos, a gente pensava que era um maluco que caguetou nosso chefe.

Eu vi que o cara era vagabundo, não troquei papo, fiquei calado e segui meu caminho. Procurei um lugar reservado para ligar para meu mano Timão, a gente ficou articulando voltar lá para passar o sal em geral e ele ia gostar de saber que eu tinha informações sobre a quebrada.

Na hora da saída Timão passou para me buscar de landão, ele já tinha conseguido o três oitão para a gente passar o moleque. Enquadramos ele no beco, o jogamos no chão, Timão estava com o revolve, apertou o gatilho diversas vezes, mas a arma falhou miseravelmente. Com raiva mandamos o moleque ir embora e avisamos para ele ficar esperto.

Nós estávamos revoltados, eu quase morri por uma coisa que não fiz, confundido, quase perdi minha vida. Não podia deixar quieto, o ódio me alimentava naqueles dias.

O desejo de vingança me fazia levantar da cama e me curar o mais rápido possível. Eu pensava em quantas pessoas já estiveram no meu lugar, algumas delas não tiveram uma segunda chance. Eu ainda nem tinha vivido minha vida, e tinha muita ânsia em viver, “porque não perguntaram meu nome antes de atacarem daquele jeito?”, eu pensava. Timão também dividia a angústia e revolta junto comigo, ele sempre foi meu parceiro de confiança, a gente conhecia a quebrada, mas éramos da igreja, sempre evangelizávamos no rip rap e becos do bairro que morávamos, a malandragem até nos apelidou de ‘Timão e Pumba’. Respeitávamos a quebrada, fazíamos o certo, mas isso não me livrou de ter sido atacado cruelmente.

Passaram-se duas semanas, quando Timão conseguiu um equipamento melhor, uma 9 mm automática e uma ponto 40, ambas carregadas. Pegamos o landão e fomos na captura, quando chegamos lá na entrada do beco, adivinha só? Os caras que participaram do ataque covarde contra mim estavam todos reunidos na rua de bobeira, intimamos eles:

Quem é o Mascote? (a gente já tinha feito uma investigação através daquele moleque da escola e ele abriu o bico, falou até o vulgo do cara que me apontou como alvo).

Um dos caras respondeu:

É eu, por quê?

Retruquei:

- A gente veio pegar um bagulho aí contigo.

Quando ele foi se aproximando, tirei a ponto 40 da cintura, e dessa vez não falhou, dei 5 tiros nele e junto comigo, Timão descarregou sua 9mm nos outros que saíram correndo. Tudo aconteceu muito rápido, mas parecia que estava em câmera lenta. Depois do primeiro soco que senti quando apertei o gatilho, os outros segurei firme. Era a primeira vez que eu usava uma arma e parecia que já tinha usado antes, não fiquei com medo, pelo contrário, me sentia o corajoso e impiedoso. Quando acabou as balas, como se fosse cena de filme, Timão acelerou o landão e saímos cortando as ruas em ziguezague até chegar na frente da minha casa. Desci da moto ainda trêmulo por causa de toda aquela adrenalina. Eu matei um cara, ou foram mais de um. Não sei, só sei que vi uns 4 estirados no chão, contando com o Mascote. Pronto, nunca mais aquele cara vai fazer mal a ninguém. Entrei em casa, tomei um banho e me deitei.

Se eu soubesse que aquela seria a última vez que eu via meu amigo Timão, teria dado um abraço de despedida. Depois daquele dia, não consegui mais falar com ele, provavelmente trocou de número, bairro e até de cidade. Decidi fazer o mesmo, dar um novo recomeço para minha nova vida, que nem a igreja, nem o grupo de dança que me cobrava tanto foco e disciplina, não conseguiram evitar. Vicieei na sensação de que o perigo podia me proporcionar, foi assim que minha vida no crime começou.

O ESTRANGEIRO

Darlíane do Socorro Santos da Silva
darlianeank@gmail.com

Mal visto, com roupas estranhas, de português prejudicado por um sotaque forte de alguém distante, rosto marcado pela marca sinistra da pobreza, ar pesado, cansado, mão duras de quem trabalhou muito, pele castigada pelo sol, hábitos esquisitos e consigo, acima do seu corpo, a imagem de um espírito bandoleiro que roubará os empregos, o dinheiro e as joias preciosas, azedara a cultura... assim é a visão sobre o estrangeiro que caminha sem destino certos pela cidade. Indo, portanto, pelos caminhos duvidosos, esteve dentro de uma confusão qual no fim deixou um corpo, morto, estirado no chão vítima de uma bala que destruía um pulmão.

Uma rápida diligência policial chegou ao local, desvestiram rapidamente as nebulosas que turvavam os fatos do acontecido. Ao que parece, ouvindo-se algumas testemunhas, um certo estrangeiro, suspeito, cruzava o local da confusão com olhares ameaçadores. Alguém espertamente teve a ideia de fotografá-lo. Logo descobriu-se, mostrando a fotografia entre transeuntes, moradores e comerciantes das redondezas que o homem se tratava de Ruan Carlos, um estrangeiro desempregado que rondavam as regiões sem que ninguém soubesse o motivo.

Apesar que o motivo existia, Ruan Carlos morava em casa emprestada ali perto e não tendo outro meio de transporte, senão os pés, frequentemente passava ali, ia e vinha tantas vezes porque cuidava de um filho pequeno e buscava com certa obstinação um emprego... o caso é que foi levado a delegacia a prestar depoimento, estava muito nervoso e não falava bem o português. Está tão nervoso, por quê? Perguntou o delegado com ar inquisidor. Aqui temos algo, concluiu o delegado consigo mesmo. Um perito foi questionado pelo senhor delegado: será possível que o disparo que atravessou esse coitado tenha vindo daquela direção (era a direção que Ruan Carlos estava)?

O laudo do perito saiu: era possível. Para onde ia? Voltou a questionar o delegado. Ruan Carlos respondeu que saía em busca de um emprego e alguma comida para o seu filho. Com ar irônico o delegado disse: curioso, aparenta precisar bastante de dinheiro e, coincidência, sumiram da nossa vítima um colar de ouro e uma carteira, levaram o dinheiro! exclamou o delegado.

O caso foi a juízo. O promotor colocou a mesa em fatos objetivos e inquestionáveis, testemunhas e uma fotografia colocam o suspeito no local exato do crime, o laudo pericial atesta que o disparo saiu da posição de Ruan Carlos; o motivo se desenha perfeitamente, o homem precisava desesperadamente de dinheiro; o nervosismo flagrante demonstra uma consciência amedrontada. Era um caso difícil para o advogado do estado, não havia muito o que defender. A sentença saiu logo: culpado.

A GUERREIRA/ LUCHADORA

Carmen Adelina Zerpa Montano
zccarmenzerpa75@gmail.com

Foi da filha de fazendeiros, sua mãe não sabia ler nem escrever, seu pai só vivia da agricultura. Até que um dia não houve mais colheita, e sem se despedir da família, o pai foi velejar. Naquele dia, a filha ficou sem pai.

Sozinha com a mãe e os oito irmãos mais novos. Com um teto sobre suas cabeças; mas sem comida para colocar na boca. Desde então a menina de 12 anos teve que aprender a negociar para trocar brinquedos por comida e chinelos por sementes. Ela teve que aprender sobre época das luas, cavar terra e semear.

A menina parou de brincar para ir trabalhar. A menina não teve mais tempo para brincar. A menina não teve mais vontade. A garota está cansada. A menina teve que crescer rápido. A menina tem que trabalhar. A menina tornou-se pão, abrigo e esperança para sua família. A garota se tornou as mãozinhas de comerciante.

A menina não usa mais vestido ou saia, porque fica desconfortável no trabalho. A garota tem que acordar cedo todas as manhãs. Ela tem que trabalhar. A menina aprendeu a contar com sementes, aprendeu a escrever números antes do nome; ela tinha que saber o valor de cada real.

A garota, com 14 anos, em vez de dormir cedo, aprende a ler e escrever à noite com uma menina que está no terceiro ano. Sem estudo, nunca se ganha com trapaceiros, costumava dizer a garota.

A garota com 19 anos, decidiu sair da aldeia e foi para a cidade. Pela primeira vez ela se sentiu como um ratinho diante de um monstro que poderia devorá-la. Imediatamente muitas perguntas começaram a vir à mente: Aonde eu cheguei? Agora o que vem a seguir? O que devo fazer primeiro?

Sem conhecer ninguém; mas por onde ela passava, todos viravam para vê-la. Talvez eles nunca tenham visto uma garota da aldeia na cidade. Logo aquela enorme cidade ficava pequena e as perguntas tinham respostas. Tornou-se uma mulher corajosa, empreendedora e bem-sucedida; nada mais era impressionante para ela.

Apesar das necessidades ou da falta de recursos, do excesso de trabalho, de não possuir ensino superior e dos constantes confrontos com trapaceiros, ela nunca deixou de ter fé, amor e esperança em seu coração. Ela continuou a ajudar sua família. Ela fez o melhor trabalho que sabe fazer e que aprendeu desde a infância. "Mulher de negócios"

Seu lema:

<<Caia, levante-se e Continue>>

Esta mulher é esposa do meu pai e mãe dos meus três irmãos. Esta mulher é minha mãe.

(SEM TÍTULO)

Adriana Silva Rodrigues
adrianasilvarodrigues87@gmail.com

Era uma vez uma mulher chamada Maria, conhecida por sua personalidade forte e determinação inabalável. Desde jovem, ela sempre desafiou as convenções sociais e lutou por aquilo em que acreditava.

Maria cresceu em uma pequena cidade, onde as mulheres eram esperadas para seguir um caminho pré-determinado: casar-se cedo, cuidar da casa e dos filhos. No entanto, Maria não se conformava com essa visão limitada do seu futuro.

Ela estudou com afinco, mesmo enfrentando resistência da família e da comunidade. Maria queria mais do que apenas um casamento arranjado e uma vida monótona. Ela sonhava em ser independente, ter uma carreira e fazer a diferença no mundo.

Com coragem e determinação, Maria mudou-se para a cidade grande em busca de oportunidades. Ela enfrentou desafios e obstáculos ao longo do caminho, mas nunca desistiu. Sua personalidade forte a impulsionava a superar qualquer adversidade.

Maria encontrou trabalho em uma empresa renomada e rapidamente se destacou por sua inteligência e habilidades. Ela subiu na hierarquia profissional e se tornou uma líder respeitada.

Além de sua carreira bem-sucedida, Maria também se envolveu em causas sociais. Ela lutava pelos direitos das mulheres, pela igualdade de gênero e pela justiça social. Sua voz poderosa ecoava em todos os lugares aonde ela ia, inspirando outros a se levantarem contra a injustiça.

Ao longo dos anos, Maria enfrentou muitos desafios pessoais e profissionais, mas nunca perdeu sua força interior. Ela se tornou um exemplo de empoderamento feminino e mostrou a todos que uma mulher com personalidade forte pode conquistar qualquer coisa que desejar.

No final, Maria deixou um legado duradouro. Sua história inspirou gerações futuras de mulheres a seguirem seus sonhos e acreditarem em si mesmas. Ela provou que a força de vontade e a determinação podem transformar vidas e mudar o mundo.

E assim, o conto de Maria, a mulher de personalidade forte, continuará vivo para sempre, lembrando-nos do poder que cada um de nós possui dentro de si.

SOBRE AS ORGANIZADORAS



IRIS ANITA FABIÁN RAMÍREZ

Professora efetiva do Curso de Letras da Universidade Estadual de Roraima (UERR). Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Roraima. Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Espanhola (FACINTER/IBPEX); Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira (UNINTER); Especialista em Gestão de Recursos Humanos (UFRR); Especialista em Direito Administrativo (Faculdade Dom Alberto). Possui Licenciatura em Letras (UFRR), Pedagogia (Faculdade Roraimense de Ensino Superior) e Bacharelado em Administração e Direito (Faculdades Cathedral). Tem experiência na área de Letras, atuando nos seguintes temas: Prática, Formação Profissional, Educação. Realiza atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão; relacionada a Línguas (aquisição e aprendizagem).

<http://lattes.cnpq.br/2725969820757203>

<https://orcid.org/0000-0003-1484-8232>



ISABELLA COUTINHO COSTA

Professora do curso de Letras da Universidade Estadual de Roraima e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Roraima. Graduada em Letras/Literatura, e pós-graduada em Ensino/Aprendizagem de Línguas e Literatura pela Universidade Federal de Roraima. Tem mestrado e doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com área de concentração em Línguas Indígenas Brasileiras. Trabalha há mais de 10 anos com o povo Ye'kwana, realizando oficinas de capacitação, assessorando e colaborando em projetos de elaboração de materiais didáticos e documentação linguística. Também realiza pesquisas sobre outras línguas Caribe faladas em Roraima, como Taurepang e Macuxi. Seus interesses de pesquisa incluem tipologia e descrição de línguas naturais, pesquisa em semântica experimental, ensino de primeira e segunda língua, ensino de gramática, aquisição de primeira e segunda língua, produção de materiais didáticos para ensino de línguas e para letramento.

<http://lattes.cnpq.br/2339330116944671>

<https://orcid.org/0000-0002-2586-8928>

SOBRE OS AUTORES

Adriana Silva Rodrigues

Acadêmica do Curso de Ciências Humanas da UERR

e-mail: adrianasilvarodrigues87@gmail.com

Alba Marina González Andrade

Acadêmica do Curso de Filosofia da UERR

e-mail: albamarina0107@gmail.com

Ana Carolina da Silva Rodrigues

Acadêmica do Curso de Letras - Habilitação Língua Portuguesa e Literatura da UERR

e-mail: alinarodriguesbol@gmail.com

Camila Godoy de Menezes

Acadêmica do Curso Especialização em Ensino de Línguas da UERR

e-mail: camilagodoydemenezes@gmail.com

Carmen Adelina Zerpa Montano

Acadêmica do Curso de Português, no Projeto de Extensão “Ensino de Línguas Adicionais” da UERR

e-mail: zccarmenzerpa75@gmail.com

Darlíane do Socorro Santos da Silva

Acadêmica do Curso de Filosofia da UERR

e-mail: darlianeank@gmail.com

Eduardo Campos Silva

Acadêmico do Curso de História da UERR

e-mail: eduardo.silva@uerr.edu.br

Elemar Kleber Favreto

Docente de Curso de Ciências Humanas da UERR

e-mail: elemarfavreto@uerr.edu.br

Gabriel Lucas Franco

Acadêmico do Curso de Ciências Humanas da UERR

e-mail: gabriel_franco@alunos.uerr.edu.br

Huarley Mateus do Vale Monteiro

Docente de Curso de Ciências Humanas e Sociais da UERR

e-mail: mdmvale72@gmail.com

Jairzinho Rabelo

Docente de Curso de Letras da UERR

e-mail: jairzinho.rr@gmail.com

Janiele Gama Pontes

Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas da UERR

e-mail: janielegama17@gmail.com

João Paulo Maciel de Araújo

Docente de Curso de Filosofia da UERR

e-mail: joaopaulo-araujo@outlook.com

Juliane Domingos Santos

Egressa do Curso de Letras da UERR

e-mail: juhsantos.rr@gmail.com

Maeli Garcia Soares

Acadêmica do Curso de Letras - Habilitação Língua Portuguesa e Literatura da UERR

e-mail: maeligarciasoares@gmail.com

María Michely Ruíz Hernandez

Acadêmica do Curso de Português, no Projeto de Extensão “Ensino de Línguas Adicionais” da UERR

e-mail: mariamichelyr@gmail.com

Mayelle Oliveira de Azevedo

Acadêmica do Curso de Ciências Humanas da UERR

e-mail: mayelle20oliveira@gmail.com

Ronnie Jefferson Valentim Silva

Acadêmico do Curso de Filosofia da UERR

e-mail: ronnie.jeffersom@yahoo.com.br

Stephanne Ohana Timóteo da Silva

Acadêmica do Curso de Ciências Humanas da UERR

e-mail: stephanneohana26m@gmail.com

Tatiane Marie Martins Gomes de Castro

Docente do Colegiado Interdisciplinar em Ciências da UERR

e-mail: tatianecastro@uerr.edu.br

Vitoria Vivian Ferreira Santana

Acadêmica do Curso de Ciências Humanas da UERR

e-mail: vitoriavivianferreirasantana@gmail.com

Yorelis Yeraldin Montilla Briceño

Acadêmica do Curso de Português, no Projeto de Extensão “Ensino de Línguas Adicionais” da UERR

e-mail: montillayorelis@gmail.com



**Iris Anita Fabián Ramírez e
Isabella Coutinho Costa**
(organizadoras)



ISBN 978-65-89203-69-8



9 786589 203698 >